

Depois do Carnaval

É preciso acabar de vez com o mito de que o Brasil só começa a trabalhar depois do carnaval. Desvios culturais seculares e um humor desnecessariamente autodepreciativo criaram a impressão de que as atividades econômicas, políticas e culturais dependem da Quarta-feira de Cinzas para recomeçar. Um pouco mais e teremos que deixar passar a Semana Santa. E por que não a Copa?

É preciso um basta nessas posturas falsas que paralisam a produção e entorpecem a mente das pessoas. A proximidade do fim do verão e do primeiro trimestre do ano apenas revela o que foi bem ou mal plantado no ano anterior — comédias e tragédias aí incluídas. O primeiro trimestre é o período em que as empresas publicam seus balanços; o governo prepara-se para recolher o Imposto de Renda; a União, os estados e os municípios divulgam suas contas; terminaram as férias escolares e as estatísticas mostram o que aconteceu com o PIB ou com os indicadores do bem-estar social.

Longa é a lista dos pontos negativos que poderíamos encontrar olhando para trás, começando pelo socialmente mais grave: houve queda de 5,7% no nível de emprego no ano de 1997, segundo dados do IBGE. Mas longa é também a relação dos fatos positivos: o mês de fevereiro fechou com uma alta inexpressiva dos preços (+0,18% no IGP-M). O poder aquisitivo dos mais pobres não é mais corroído por uma inflação galopante. A balança comercial tornou-se superavitária na terceira semana do mês e os investimentos em infra-estrutura saíram do zero em 1992 para uma estimativa de mais de US\$ 180 bilhões em 1997. Novos empregos serão gerados logo adiante.

Nada justifica pensar, portanto, que fracassos passados dominarão o horizonte previsível. Aqueles dispostos a abandonar a vocação para plantonistas de cemitérios verão que março não é um mês em que tudo se acaba na Quarta-feira de Cinzas. Março, na verdade, é o começo do pico das safras agrícolas, e as estimativas de safras são boas.

Espera-se uma colheita de 30,9 milhões de toneladas de soja, 18% mais que no ano anterior. Previsões com base em dados da Conab e de Safras & Mercados divulgadas pela BM&F indicam crescimento de 25% na colheita de algodão, invertendo o quadro de penúria da lavoura, que nos últimos anos tornou-se desempregadora de mão-de-obra. Feijão, milho e até trigo podem surpreender. Considerando-se os resultados favoráveis previstos para o café e outros setores, este ano agrícola poderá ser melhor que o anterior e o campo melhor que as cidades.

O Brasil precisa deixar de viver somente

das paranóias urbanas e cultivar mais a idéia de que é um grande e diversificado território, Estado e nação de dimensões continentais. Não cabe numa visão paroquial. Some-se a um quadro positivo de safras a possibilidade de aperfeiçoamento dos mecanismos e papéis para o financiamento rural. Tem-se, hoje, quase o oposto do cenário de dois ou três anos atrás quando imperava a dúvida no campo e o Banco do Brasil via-se às voltas com altas taxas de inadimplência. Se o movimento dos sem-terra transformar-se em um movimento pró-pequenas e médias empresas rurais outro enorme salto positivo será dado no interior.

Este ano, que começou sob o signo do El Niño e com as sombras asiáticas, já mandou para escanteio as previsões mais negras dos que previam colapso comercial e industrial, por conta das medidas restritivas adotadas pelo governo. O capital externo está voltando através do Anexo IV aos papéis brasileiros negociados em bolsa, e por excesso de oferta externa de dinheiro já é possível alongar prazos para a permanência mínima do capital estrangeiro no país.

Nada disso, é verdade, justifica um cenário no estilo chapa branca ou cor-de-rosa. O Brasil é um país onde a maior fatia da população tem renda abaixo de R\$ 600 e é isso que define o caráter do mercado interno. Juros altos afastaram uma parcela importante dos compradores e ampliaram a inadimplência. Mesmo assim, quem olhar de perto (e tecnicamente) as pesquisas sobre a inadimplência, verá que está caindo a parcela das pessoas com mais de uma prestação atrasada. Aos poucos a economia pode retomar seu rumo e o mercado de consumo voltar a crescer, na medida em que se afastem os fantasmas asiáticos, caia o custo do dinheiro e devolva-se mais confiança ao comércio e aos consumidores.

Para que se complete um quadro melhor que o da Quarta-feira de Cinzas do Orfeu Negro é preciso que os sinais positivos da área econômica andem em paralelo com a previsibilidade e estabilidade política. Convenções partidárias que se transformem em fins em si mesmas são um desserviço ao país. Congressos e poder executivo que retomem suas rotinas com o pretexto de que não podem completar reformas porque este é um ano eleitoral não merecem ser reeleitos. Déficits públicos fora de controle solapam a confiança interna e externa.

É preciso criar, em todas as esferas, a convicção de que o Brasil já deixou de ser o país do carnaval. Mas só irá engrênar seriamente no caminho do futuro se ganhar consistência política. Um ano eleitoral não pode ser um ano de desculpas. Se assim for, então teremos parado na Quarta-feira de Cinzas.